

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redator principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.054

Sábado, 29 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Cobre, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa; Telefone 5839-6

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O operariado do país deve afirmar-se no próximo dia 1.º de Maio como uma força capaz de compreender o momento que passa. Negociam em Génova os caixeiros do patronato internacional, enquanto o patronato nacional quer criar atmosfera favorável a uma mais funda extorsão do que ao povo pertence, cavando mais fundo a miséria do proletariado nacional. Saiba este, pois, corresponder ao momento no justiciero protesto do dia 1.º de Maio que se aproxima.

A «CHANTAGE» DA CONFEDERAÇÃO PATRONAL

A Confederação da Exploração Patronal, da Intrigas Patronal ou Confederação Patronal publicou no *Diário de Notícias* uma página de prosa, com recheio de quadros estatísticos. A prosa é choca, perversa, estúpida e mentirosa. Os quadros estatísticos são fantasiosos, errôneos, caluniados, vigaristicos. A prosa e os quadros estatísticos provam que a vida subiu 820% e o aumento dos salários atingiu 1090% desde 1914. A prosa afirma que a situação dos proprietários, dos industriais e dos comerciantes é angustiosa, próxima da miséria. A prova unida aos quadros estatísticos não fica por aqui. Vai mais longe, atinge o inultrapassável. Conclue descaradamente que o Estado é um ladrão e os trabalhadores uns preguiçosos. De modo que pelos tais quadros estatísticos da Confederação do Vigário Patronal, confederação que intriga patrões, que atenta contra as leis; confederação feita para conduzir os proletários a uma maior miséria, os que trabalham vivem uma existência mais desafogada que em 1914, os patrões — comerciantes e industriais — atravessam uma situação angustiosa.

Os trabalhadores de todas as profissões, que tem a miséria em casa, que se debatem entre preocupações derivantes de dificuldades económicas insuperáveis, estão sendo vítimas dum pavoroso ilusão. O operariado sofre de neurastenia, da mania de perseguição. Precisa de maior salário para enfrentar a carestia da vida? Não. Necesita, simplesmente, de dar entrada numa casa de saúde, num manicômio. O seu estado não é de miséria é únicamente mórbido. O operário de 1922 é o burguês de 1914 e o burguês de 1922 é o operário de 1914. Portanto a guerra transformou-se numa profunda revolução social: os operários enriqueceram progressivamente e os patrões estão prestes a entrar para os asilos da Assistência Pública. Os exploradores são explorados pelos que exploram. Dentro em pouco o patrão desaparecerá, porque a sua situação tornou-se pior que a dum mendigo ou a dum condenado a degrado. Tais são as conclusões que se extraem da prosa e estatísticas da Confederação Patronal.

Escusado será fazer-se refutação de semelhantes distâncias. Pois haverá cego tam cego e surdo tam surdo que acredite naquela prosa e naquelas estatísticas? Então a população trabalhadora da cidade não se sentirá revoltada ao ver a Confederação Patronal dizer-lhe que tem a abundância e não a fome, atribuir-lhe salários que está longe de auferir, atribuir aos géneros alimentícios preços mentirosos?

A Confederação Patronal comeceu uma chantage. Quis ludibriar toda a gente. Como se fosse possível que se acreditasse nas suas lérias venenosas! Esta de vir dizer aos que sofrem miséria: «Vocês estão prósperos. Estão nadando em oiro, estão vivendo na idade de ouro. A situação dos comerciantes e dos industriais é que está má, está péssima. A miséria dos industriais e dos comerciantes é espantosa, e inestimável. Os industriais, os comerciantes são as vítimas da guerra. Vocês auferiram lucros. Em relação ao custo da vida de antes da guerra, vocês, trabalhadores auferem um lucro de 170%, visto que a vida subiu 860% e os salários 1090%».

E depois continuam: «Os industriais e os comerciantes são classes essencialmente trabalhadoras». Explorar, os que trabalham, é ser essencialmente trabalhador. De modo que as classes operárias que trabalham para os industriais e comerciantes são classes essencialmente exploradoras!!

** * * * A Confederação Patronal tem sido uma instituição que procura

1.º DE MAIO

Animase a classe operária portuguesa para comemorar a data do 1.º de Maio. É claro que não se trata já daquela comemoração festiva de outros anos já longínquos, porque semelhante comemoração é a negação da característica revolucionária que a classe operária deve dar às suas manifestações. Trata-se duma afirmação de princípios e de vontade, animada de fé e de entusiasmo pelo triunfo da sua causa — a causa da sua emancipação económica e da sua libertação de todos os preconceitos morais e políticos, que até hoje lhe tem prendido os movimentos.

São as algemas da escravidão que é preciso quebrar a todo o custo e que só é inalável esperança de vitória da justiça conseguira manter, com as manifesta-

cões em que as almas comunguem numa mesma aspiração ideal de verdade e de beleza.

E o dia 1.º de Maio, dia primaveril, cheio de poesia e de vida, é também aquele em que o proletariado afirma a sua vitalidade e o seu desejo de redenção pelo esforço próprio, pelo seu protesto sentido unânime contra as causas da injustiça social. É assim que quase em todas as localidades, em que o proletariado está organizado, seja em comícios públicos, sessões solenes de propaganda, ou seja por quaisquer outras manifestações em que predominam o espírito de classe, o significado do dia 1.º de Maio é respeitado.

A U. S. O. de Lisboa, distribuirá hoje o seguinte manifesto:

Ao Povo Trabalhador!

Neste momento em que se pretende reduzir as regalias conquistadas pelo operariado e muito especialmente o horário de 8 horas de trabalho, que é atacado presentemente por todas as forças madrágas do país representadas pela Confederação Patronal, é dever desta União, lembrar a todos os trabalhadores, o dever que tem em comemorar o dia 1.º de Maio, data proletária que reúne no mundo inteiro uma demonstração de força das classes escravizadas.

Não é de festa este glorioso dia, mas de protesto e de reclamações; é por assim dizer o balanço anual que tem que se fazer à vitalidade da organização local; e assim esta União lembra que no dia 1.º de Maio, não deve ser mover qualquer peça de ferramenta, de molde a que nada se produza e a permitir que todo o operariado compareça em massa no comício que este organismo promove no parque Eduardo VII, pelas 15 horas.

E' necessário que o operariado saiba mostrar as chamadas forças vivas a sua consciência, perante a data revolucionária do 1.º de Maio, que longe de ser uma data patriótica, é alguma coisa mais, porque é uma data internacional e portanto a data duma Pátria Maior, a Pátria Universal.

Neste dia, ficar em casa, é cobardia, mas ficar na oficina, na obra ou no campo é pactuar com a burguesia, é incitar os da Confederação Patronal para que continuem. Mas não, a U. S. O. tem a antecipada certeza que a comemoração do 1.º de Maio este ano, constituirá uma bela manifestação de protesto contra tantíssima perseguição de que as classes produtoras vêm sendo vítimas.

Portanto, camaradas! Que todos cumpram com o seu dever, não esquecendo que a data do 1.º de Maio não é de festa, é antes de protesto, é uma data fundamentalmente de carácter revolucionário; é assim que todos os trabalhadores o deverão compreender!

Camaradas! Compareci em massa no comício que esta União realiza no Parque Eduardo VII; e que o abandono do trabalho nesse dia seja completo.

Vivam as Classes Trabalhadoras!

A BATALHA

C. G. T.

Federação Nacional

da Construção Civil

No dia 1.º de Maio «A Batalha» sairá ilustrada. Será um número especial, consagrado aos mártires de Chicago.

Se não nos faltarem as possibilidades de que dispomos, «A Batalha» será enviada para o correio no dia 30, à noite, por forma a aparecer em todas as localidades na manhã do dia 1.º de Maio.

Os delegados que pelo Conselho Confederal foram indigitados para seguirem em missão para a província, deverão comparecer hoje na C. G. T. a fim de se munirem das respectivas credenciais e de várias instruções.

cerem à reunião, os quadros dos jornais Repúblia, Rebate, O Jornal do Comércio e das Colónias, A Vitoria e A Epoca. Por todos os outros, que constituam a maioria, ficou resolvido não manufaturarem os jornais de Lisboa.

A comissão administrativa da Associação dos Compositores Tipográficos faz distribuir o seguinte manifesto pela classe:

«Camaradas: Não devéis olvidar o passado. Os homens que vivem do trabalho e tem coração, conchedores da tragédia de Chicago devem lamentá-la sempre e no dia do seu aniversário protestarem energicamente no comício, na sessão de propaganda e não aparecerem ao trabalho.

Se agaparmos estas memórias vilíssimas do Capital, do Estado e das Autoridades não teremos de que nos queixarmos quando todos mancomunados sobre nós triunfarem.

E' necessário pôr um dique às arbitrariedades, às violências e às explorações. Urge, quanto antes, reduzir a Menti e reabilitar a Verdade.

Agora, por exemplo, temos a Confederação Patronal Portuguesa em ensaios de novos crimes e duma nova cena de miséria. Muita cautela que os desportos, os tiranos medram como os cogumelos, porque contam com a impunidade e a força armada.

Compositores! Abandonai no dia 1.º de Maio a oficina, depoendo o compendor, a ferramenta que vos escraviza e ide aos comícios, as sessões de protesto contra as violências passadas, presentes em projeto.

Vivam as classes operárias!»

Pró-presos por questões sociais

Comissão Central

Reuniu ontem esta comissão, com a representação dos seguintes organismos: Sindicato U. Metalúrgico, Construção Civil, Manufactores de Calçado e Operários do Município.

Apreciai a situação dos camaradas presos nas cadeias do Limoiro e Penitenciária, e deliberar enviar delegados aquelas prisões, visitar os camaradas que ali se encontram.

Esta comissão lembra a todos os delegados representantes da C. G. T., U. S. O. e Construção Civil as sessões e comícios comemorativos do 1.º de Maio, o qual foi imediatamente conduzido ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, onde recebeu os primeiros socorros, recolhendo depois a sala das Dores (cortador), 1.º dito 2.º, 5500; Joaquim Salvador, 1.º dito 2.º, 5500; Manuel Maria (manufaturador de calçado), 1.º dito, 5500; Alfredo dos Santos, idem, 5500.

Não se pronunciaram, por não aparecerem os presos por questões sociais.

Em Gabinete Ruivo, um caminhão que vinha a caminho de Lisboa chocou com uma carroça carregada de carvão, que seguia em sentido contrário, com destino aos Olivais, resultando ficar ferido o condutor desse último veículo, Francisco da Cruz, de 36 anos, casado com Ana Leite da Siva, natural de Castro Daire, e residente na rua Capi do Leitão, o qual foi imediatamente conduzido ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, onde recebeu os primeiros socorros, recolhendo depois a sala das Dores (cortador), 1.º dito 2.º, 5500; Joaquim Salvador, 1.º dito 2.º, 5500; Manuel Maria (manufaturador de calçado), 1.º dito, 5500; Alfredo dos Santos, idem, 5500.

Na sequência das presas por questões sociais.

Emigração

Segundo informações que colhemos de instâncias oficiais, o governo está na disposição de tornar a abrir a emigração, indo, segundo parece, os T. M. E. estabelecer correios entre Lisboa e os portos da América do Norte, sendo empregado nesse serviço o paquete S. V.

Não se pronunciaram, por não aparecerem os presos por questões sociais.

Congresso Socialista

A comissão organizadora do Congresso Socialista pede-nos para que por intermédio do nosso jornal sejam avisados todos os congressistas já eleitos para comparecerem hoje, sábado, na sede do Centro Socialista, rua do Bemfica, para receberem o cartão de identidade que dá direito ao bonus de 50% na passagem do Caminho de Ferro ate Paialvo e na diligência ate Tomar.

Todos os socialistas podem requisitar o novo regulamento partidário que será discutido no Congresso, na sede do Centro Socialista.

A partida dos delegados é amanhã, no rápido das 8,50 ou no correio das 9,22.

O Centro Socialista do Monte Pebral, em sua reunião, resolviu que fosse delegado ao próximo congresso socialista o sr. José Maria de França guarda-livros em Tomar.

• • •

tribunal de Defesa Social

Os julgamentos de anteontem

Reuniu anteontem este tribunal, sob a presidência dosr. Joaquim Crisóstomo. Foram julgados doze indivíduos, entre os quais quatro mulheres, acusados de vadiagem. Destes foram absolvidos cinco homens e as quatro mulheres, sendo os restantes colocados à disposição do governo.

Também deviam responder dez operários acusados de agitadores, delito que o sr. Joaquim Crisóstomo, em pleno tribunal, declarou não ser criminoso.

Porém, o julgamento destes operários, que vieram ultimamente dos fortes militares, foi adiado para o próximo dia 4 de Maio, apenas sendo julgado o metalúrgico Manuel Rodrigues, que foi absolvido.

Nota curiosa: o vogal sr. Barbosa Viana exigia a caderneta sindical aos indivíduos acusados de vadiagem, a fim de que eles comprovassem o exercício da profissão que declaravam.

Nas oficinas em que a escrita é devidamente montada, é fornecida uma guia individual a cada operário honesto deve estar dentro do seu sindicato, na deles dos seus interesses económicos, e que, portanto, só a sua caderneta sindical provaria a sua qualidade de operário.

• • •

U. S. O.

Conselho de Delegados

Extraordinariamente reuniu ontem o Conselho de Delegados para apreciar assuntos referentes ao 1.º de Maio e ainda para se ocupar de uma carta do secretário geral, em que o mesmo pedia a sua demissão.

Usaram da palavra os representantes dos Sindicatos da Construção Civil, Metalúrgico, Mobiliário e Inscritos Marítimos, fendo o que foi aprovado por unanimidade a seguinte proposta:

«Propõe-se para que se oficie imediatamente ao camarada secretário geral, comunicando-lhe que este Conselho não aceita a sua demissão, emprazando-o a retornar o seu lugar até terminar a missão que estava incumbido até à próxima futura reunião do Conselho, depois 1.º de Maio, e que igual comunicação seja feita em A Batalha.

— António Gomes Ribeiro, Francisco Viana.

O Conselho volta a reunir amanhã, pelas 19 horas prefixas, para tratar ainda de assuntos que se prendem com o 1.º de Maio.

• • •

Classes que reclamam

Manipuladores de pão

Reuniu a direcção, juntamente com a comissão de melhoramentos, para tratar de diversos assuntos de interesse para a classe, tendentes a levar a bom termo as suas reclamações. Resolveu mais convocar a classe a reunir, em assembleia geral, para tratar assuntos urgentes e inadiáveis amanhã, pelas 17 horas.

• • •

Manufactores de calçado

Reuniu ontem tendo aprovado definitivamente a tabela que há de começo a vigorar no dia 8 de Maio e que deve ser enviada aos industriais no dia 2, devendo a classe reunir, em sessão magna no dia 1.º de Maio pelas 12 horas, para tomar conhecimento dos restantes trabalhos a pôr em execução.

Hoje reúnem pelas 20 e meia horas os operários mecânicos para elaborar a tabela mínima para esta especialidade.

• • •

Operários ferradores

Reuniu este sindicato, com grande concorrência. Depois

IV Congresso da União Sindical Italiana

Reunido em Roma nos dias 10 a 14 de Março de 1922

A segunda jornada

Sessão da manhã

Na sessão da manhã de 11 presidiu Brogi, que, ao abrir, solicitou dos congressistas a máxima brevidade.

Lunadei e Cenini protestam contra os retardários e Camoglio propõe um voto de saudação a Errico Leoncini, neste momento vítima da reacção fascista-estatal. Brogi propõe mais o envio de um telegrama. Sacconi, deplorando as dissensões teóricas, alias muito lógicas, faz votos para que elas não sejam motivo de animosidades pessoais.

De Dominicis fala no mesmo sentido.

Fornovo comunica a súbita partida de Negro, por ser urgentemente necessário a sua presença em Sestri Ponente.

Borghi propõe um voto de aplauso ao camarada Negro, que tam bem sente a sua responsabilidade sindical.

A proposta de Borghi é aprovada por unanimidade.

O presidente lê o expediente, que apenas interessa ao Congresso. Lé igualmente uma saudação dos proletários de Valdarno, os quais justificam a sua adesão com o facto de estarem oprimidos sob a reacção, que desapiedadamente predominou naquela região. Exortam a continuá-la a batalha para salvamento da U. S. S.

O Círculo Juvenil Sindicalista de Cervignano encarrega De Dominicis de representá-lo no Congresso, e pede que a situação da Puglia não seja descurada, assim de que não sejam abandonados os operários que se conservam na brecha.

Uma carta de Leone

Sartini lê uma carta que Leone lhe escreveu. Depois de protestar contra a fração Vecchi, que tem o apoio de Faggi e de De Vitorio, Leone diz:

«Exorto-vos a vós, a Borghi e sobretudo a Giovanetti, que defendes de imposições excessivas a União que não deve ter a mínima cisão no momento em que a sua conduta pode reavivar a fúria grandiosa nos destinos da Rússia revolucionária, que nos parece vacilante no coração dos orientadores bolcheviques. Aos vossos contrários, que recusam ir a Moscovo, dizel que quem renuncia a Moscovo é repudiar um histori

em marcha. Devemos ir a Moscovo para demonstrarmos como nos animam os nossos princípios históricos, que nos havemos recatado; mas passando por Berlim, sob condições, que se resumem a fazermos valer-nos como sindicalistas e não como os desesperados retardários.

A carta de Faggi

Depois da carta de Leone, é lida uma outra de Faggi, na qual este assegura não poder comparecer, com a sua representação, em virtude da falta de meios.

Não quiz tomar isoladamente a responsabilidade da representação, pois não sabe a que ponto respeitaria a opinião dos representados, e porque é impossível consultar a província. Relata a fraude demócrática, e tódas as manobras do radicalismo de Millerand a reacção patriótica do sr. Briand. Pretenderam demorar as nossas reivindicações com a tática parlamentarista. A legalidade é a melhor forma de enriquecer e inutilizar a força proletária.

Com a vossa paralisação pelas seis horas, deram-vos as oito horas. E nós obtivemos as 8 horas por meios legais. Mas sob esta legalidade, os operários trabalham 10 e 11 horas, enquanto os italianos, que desrespeitam a lei, que se defendem sem apelar para a lei, dominam que conquistam muito mais no domínio da ilegalidade.

O recurso democrático é o último suspiro da burguesia; com este balão de oxigénio elas quer formar ambiente numiva-sua situação, a fim de conservar a sua supremacia de classe.

A democracia pretende estabelecer o corporativismo, que divide o proletariado, mas não materializa as aspirações egoísticas daquele que pretende basitudo a si próprio, não aceitando, pois, que lhe pode dar uma força maior, material e moral, de vontade e de consciência.

Protegido pelo governo, o corporativismo desenvolveu em França o espírito de casta; devemos por isso libertarmo-nos do sindicalismo reformista.

O reformismo pretende escamotear o capitalismo, Merrihew e Jouhaux, no seu regresso de Berlim, vieram desvaneados com o centralismo alemão, o qual virá a dar no imperialismo.

Aos nossos imperialistas temos dito que elas são os sindicalistas da guerra, que lutam o proletariado sobre as virtudes da guerra e pela justiça; temos acompanhado o programa imperialista dos governos burgueses, cedendo à classe, abandonando o trabalho se o tempo o permitir, e quanto ao resto está certo.

As festas do seu 2.º aniversário

Como noticiámos, efectuam-se amanhã e segunda-feira as festas comemorativas do 2.º aniversário da Cooperativa dos Catraeiros do Porto Lisboa, e que constam do seguinte programa:

Amanhã, às 12 horas, lanche oferecido às crianças que frequentam a escola da Cooperativa, situada no Porto Brandão; às 14 horas, sessão solene, na qual usarão da palavra diversos militantes da organização operária e cooperativa.

Às 16 horas, distribuição de um donativo de 5000 a 20 necessitados.

Abrihania esta festa um magnífico grupo musical.

Segunda-feira, festa na escola de Pôrto Brandão, criada pela Cooperativa.

A 10 horas, embarque dos convidados e suas famílias no Caia das Colunas (Terreiro do Paço), nas lanchas a gasolina e vapores desta Cooperativa; às 11 horas, chegada à praia do Pôrto Brandão, onde se realizará um pic-nic na mata da mesma localidade; às 13 horas, sessão solene na escola, comemorativa do seu 1.º aniversário, para a qual estão convidados diversos oradores; às 15 horas, distribuição de prémios aos alunos e alunas que melhores provas de aplicação e frequência tiveram; às 17 horas, embarque para Lisboa dos convidados e suas famílias.

Presta-se a abraçar esta festa um grupo musical composto de amigos da Cooperativa.

O embarque de Lisboa para o Pôrto Brandão e vice-versa, só é permitido às pessoas que apresentam o bilhete especial de convite.

Não sabemos o que será amanhã o Partido Comunista. Poderá dar-se uma surpresa. Os comunistas começam como os cristãos, mas os cristãos degeneraram; esperemos a obra comunista.

O partido comunista de França afirma a independência e a autonomia do movimento sindical, e reclamou da International dos Sindicatos Vermelhos a abolição da cláusula contrária à independência do nosso movimento. Um congresso nosso decidirá de ida a Moscovo. Recusar-nossemos a fazer parte de uma International que seja o reflexo do Partido Comunista. Faz-se demasiado confusão acerca de que se passa na Rússia.

Temos uma íntima simpatia pela revolução russa e profunda admiração pelos homens que estão à frente da Rússia e que defrontam a reacção burguesa. Apesar disso, é o sindicalismo

A BATALHA AS GREVES

Operários mobiliários

Animados com o mesmo espírito de luta com que iniciaram tam justo movimento, reuniram ontem em assembleia os operários mobiliários.

Por diversos camaradas foi exposta a marcha do movimento, constatando-se que continua a ser um facto o esborramento do celebrado lock-out.

Registaram-se novos pedidos de operários para casas que se encontram laborando com o aumento, os quais vão ser atendidos.

Resolue-se lançar um manifesto ao público demonstrando que os lucros auferidos com a venda do mobiliário dão margem bastante para satisfazer as reclamações dos grevistas.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A cominho de dois meses de luta, nem por isso os nossos patrões conseguem desmorilar-nos!

Respeitando o lock-out, continuam os reis da mobília a não querer perder tudo. Assim, na madrugada de ontem, num armazém de móveis do lojista Manuel Dias de Sousa, na rua do Diário de Notícias, saiu uma porção de móveis. A mesma hora também na rua de S. Lázaro houve grande azáfama de carregamento de mobílias. Também a firma Cunha & Cunha trata, de adquirir uma porção de mobiliário para guarnecimento dos seus armazéns.

Emília, segue a farda; com a esperança para nós, de que aleam das casas que vão abrindo, grandes surpresas nos esperam.

Aguardamos com a mesma serenidade que os sempre com a certeza de que só reencontraremos nas oficinas com a satisfação absoluta de todas as nossas reclamações.

Operários do mobiliário: Prosseguem com o mesmo ardor, com a mesma fé, que a vitoria virá coroar todos nossos esforços!

Comitê Central

A assembleia de hoje é às 17 horas.

Procurou-nos o sr. José Narciso Fernandes pedindo que rectificasssemos uma afirmação feita na nota do comitê da greve mobiliária na parte referente a ameaças de morte, que diz não ser verdadeiro; quanto ao resto está certo.

Condutores de carroças

Mantem-se ainda e com mais firmeza e união, a greve desta classe, que reuniu ontem em grande número, falando várias camaradas que aconselharam a classe a manter-se solidária, porque a vitória se aproxima a passos agigantados.

Devido a um grande número de proprietários que ultimamente têm enviado a sua adesão para a sede do sindicato, resolueu que hoje nenhum condutor deve de receber menos do que o salário estipulado pela associação de classe, abandonando o trabalho se o proprietário faltar ao compromisso que assinou. A classe reúne hoje, às 15 horas.

Operários chapeleiros

Mantem-se ainda e com mais firmeza e união, a greve desta classe, que reuniu ontem em grande número, falando várias camaradas que aconselharam a classe a manter-se solidária, porque a vitória se aproxima a passos agigantados.

Devido a um grande número de proprietários que ultimamente têm enviado a sua adesão para a sede do sindicato, resolueu que hoje nenhum condutor deve de receber menos do que o salário estipulado pela associação de classe, abandonando o trabalho se o proprietário faltar ao compromisso que assinou. A classe reúne hoje, às 15 horas.

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para desta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

As festas do seu 2.º aniversário

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A greve continua de pé, declararamo-lo bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez mais, vendo mais desnorteado, quer também obedecer à Patronal e portanto

que sofra as consequências.

A greve continua e continuará, repetindo-o, enquanto justiça não for feita.

O comitê.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado público que a greve tinha terminado para esta maneira desmontar a classe.

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

As fábricas têxteis vistas por dentro. — Impõe-se um rigoroso saneamento a bem da liberdade e da moral.

Mas uma vez voltamos a referir-nos à indústria têxtil; é que de facto nas casas dessa especialidade fabril passam-se coisas que não podem passar em claro. De quando em vez, chegam-nos informações interessantes pelas quais se verifica que as fábricas têxteis não são uns estabelecimentos produtores onde o operariado possa esperar a sua profissão livremente, para conseguir aquilo que se convencionou denominar — ganhar a vida. Aquelas grandes oficinas estão transformadas em verdadeiras fábricas, em autênticos centros de forjados onde os carrascos, os tiranetes caschorros dos patrões, insolentemente, bestialmente, escravizam os que estão agarrados ao teatro a diluir-se, a derreter-se em capital, para que uns vadios mandarinhos superiormente gozem as delícias dum vida de prazer. Ai daquele, ou daquela, que balbuce uma frase para um seu camarada! Se não lhe cai em cima o chicote da antiguidade, tem que ouvir os mais vermelhos improprios, num revoltante insulto que indignaria uma viela inteira.

Para os lados da Ariosa, há uma fábrica que, tendo pertencido a Dias e Lobão, hoje é propriedade de nova gente, de cujos novos donos também faz parte aquele célebre democrático e esmoler Manuel Pinto de Azevedo, o tal da cantina e da creche. Nessa fábrica trabalha-se 10 horas, mas, para iludir aquelas pessoas que possam fazer reparos ao atentado que os sovinas estão vibrando à lei constitucional e parlamentar que estabeleceu o regime das oito horas, os industriais impostoramente arengaram que é facultativo o serviço das duas horas a mais, podendo retirar-se aqueles ou aquelas que não queiram trabalhar mais além do horário legal. Mas há lá um caixeiro, de nome José Marques e de apelido — todos os patifes tem sobriet — Carpio, que não acha bem essa liberdade, e vai dali, quando alguém, terminadas as 8 horas de labor, pretende sair, impõe-se terminantemente com a sua autoridade de Guinguinhana, chegando a dar ordens ao portero para que o portão seja fechado e não deixe sair ninguém sem sua ordem prévia! De maneira que se não está numa prisão de África! Ora ai está como se procede numa fábrica democrática. Os operários estão sujeitos às vontades, aos caprichos, à estupidez crassa dum maria que se joga transportado aos tempos em que se dispunha dum ser humano como dum objecto vendável. Esta patifaria é feita, de preferência, às mulheres, que é elle julga dispor das como suas harem...

Quem é, porém, esse José Marques? Segundo uns informes que possuímos, um antigo miserável que, em casa dum seu tio, em Contumil, vivia de arduas tarefas, se queria comer um mal adubado caldo. Quando a fábrica de Dias e Lobão mudou da sua Linda Vale para a Ariosa, o triste figura conseguiu lá encair-se como caixear, à custa de muitos e choramingueiros pedidos. Lambeu, como pode, as botas ao seu dono e, de colaboração com um mestre — que já lá não está — conhecido por Barrozo, que fez umas partidas á sua família, auxiliou o seu patrono na conquista de mulheres.

Reconhecido pelas ações rafeirantes do seu querido fântulo, quando a fábrica se passou para a posse de Manuel Pinto de Azevedo e companhia, o sr. Dias e Lobão brindou-o com o melhor dos seus quatro mil escudos, para que ele ficasse sendo alguma coisa dentro da fábrica. E assim, esquecendo-se das antigas calças rotas no... rabo, tornou-se um poucochinho patrão e um refinadíssimo borbante, velhaco, perspicuidor daquelas que só vivem à custa do seu trabalho vilmente explorado...

Mas se os patifes ficassem só por aqui, erguer-se-ia muitas graças a deus... Mas não. Na Fábrica Fiação Portuense, onde se continua a impôr o horário das 10 horas, o nosso conhecido José Queiroz ainda não deixou de impor e triunpar à vontade, com manifesto gáudio dos srs. Santos Henriques & C.º, o princípio dos quais em tempo dízio possuir uns principiosinhos filosóficos e renovadores dessa pôrre sociedade.

O mestre Queiroz goza, ao que parece, de todas as regalias na fábrica. Dorme lá e manda os operários fazêr-lhe a cama. Não afirmamos que seja um Landru, porque cremos na sua seriedade, mas os que sabemos é que quando tem de passar censuras a operários que fizeram mal determinado serviço, aquelas que lhes agrada mandá-las, cremos que à Tôrre, uma dependência qualquer, para suavemente as advertir... Esta fama, ou por ouvir, é este caso, não só conhecido na fábrica, como fora dela, o que é de notar.

Ora é este mestre que é insolente e grosseiro para os operários e operárias, principalmente para aquelas que se não prestem às suas galanterias. Se duas operárias — ou operários — estando a trabalhar próximas uma da outra, se dirigirem mutuamente uma palavra, embora as máquinas são paradas, é certa a catadupa de frases insultuosas e de ameaças violentas. Enfimado na sua régua, é bronto nas suas adventícias. Porém, para as mestras das urdeiras, de nome Lucinda, das remetedoras, de Corina, das caneleiras e dovadeiras, é todo amável. Por esta razão, é que havendo festa de anos num dos dias destes mês, as mesmas mestras fôram até casa do Queiroz, onde houve regaço de doces e vinho fino, ao que se associou igualmente um mestre menos categorizado, conhecido por Santos...

Isto ainda não é um pálido reflexo do que se passa no interior das fábricas. E o que nos admira é que a classe têxtil consiste, sem um protesto energético, tanta patifaria, tanta exploração, tanta tiranía exercida por individuos sem

Propaganda Anti-Alcoólica

Promovida pela Associação Anti-Alcoólica Operária, realizou-se na passada terça-feira, 25, uma sessão de propaganda anti-alcoólica, à qual presidiu, a convite do secretário da comissão de propaganda, o camarada Horácio Inglês Tavares, que após breves palavras de introdução concedeu a palavra ao camarada J. L. de Castro.

Disse este camarada que a propaganda anti-alcoólica ainda não atingiu o desenvolvimento que devia ter, pois que ainda se não conseguiu interessar por ela a família operária que ainda não nos soube interpretar, e nota que em todas as sessões desta Associação, são sempre os mesmos individuos que comparecem.

Salienta que a propaganda anti-alcoólica não tem só por fim convencer o operariado a abster-se de ingerir álcool, mas muito principalmente criar consciências e que a continuar-se ingerindo enormes quantidades de álcool isso dará em resultado, dentro de poucos anos, a que fiquemos por completo sob a tutela do sistema burguês.

Se a Sociedade ainda hoje é imperfeita, é isso devido a nós não sermos ainda perfeitos, e termos uma educação ainda inferior. Se a Sociedade é má, é porque nós somos maus; se quizermos tornar-la boa, começemos por nos tornarmos bons, nós próprios.

Há individuos que cometem o erro de crer que o álcool é um alimento. Nada se consegue com dados estatísticos e opiniões médicas tendentes a mostrar a nocividade do álcool; isso prova o estado de inferioridade em que se encontra o povo.

Para modificar a Sociedade presente é preciso começar pela vossa própria pessoa, é necessário termos uma vida mais linda, mais perfeita e libertar-nos da escravidão do álcool.

Se a burguesia domina é porque a massa é inconsciente. Como se compreende que uma minoria viva a baralha longa enquanto a maioria trabalha e se definha, senão pela ignorância dessa maioria.

Os individuos de carácter, como eu me prezo de o ser, só devem ter — e eu me honro — sr. redactor, — uma única face,

Admite-se que a tranquilidade dum homem esteja a mercê dum minúscula, ou antes que maíscula, autoridade fazendo dele o que lhe aprovou, impunando-lhe este ou aquele delito, a seu bel prazer, sem que para tal tivesse concorrido e só conhecendo o caso como toda a gente, pelo jornal.

Em seguida é lida uma carta do camarada Luan de Araújo, da qual recortamos os seguintes trechos:

«Para conseguirmos emancipar-nos de todos os defeitos a que estamos acovertados é necessário que a taberna seja encerrada para sempre; é este o primeiro passo para a nossa emancipação.

Em seguida as casas de jôgo, depois os lupanares».

«Lives destas peias poderemos educar a vontade e a mente, dominar as nossas paixões, levantar o espírito e influír-lhe pensamentos puros cheios de alimento, e será isto o germe da verdadeira civilização».

Fala em seguida o camarada Horácio Inglês Tavares que começa por dizer que a taberna é um antro onde predomina um irrespirável, saturado de dióxido de carbono que prejudica a respiração pulmonar e dificulta a respiração cutânea. Haverá quem diga que não precisamos frequentar a taberna, nem o café com mais atractivos e uma atmosfera mais agradável. E o que é o caso sem uma taberna dourada onde o ar é tan impuro como na taberna e onde se ingere álcool sob todas as formas?

Estabelece depois comparações entre a taberna e a associação.

A taberna onde os desgraçados que a frequentam só encontram o vício: o álcool, o jôgo e o fumo; e a Associação que só lhes oferece vantagens, a defesa dos seus interesses e a educação dos indivíduos. Entre a casa do bêbado, onde é miséria, desordem, falta de conforto, e a casa do sóbrio, onde tudo resplandece felicidade e alegria.

Aprece depois os efeitos do álcool que divide em três espécies: individuais, familiares e sociais.

Palando dos efeitos individuais, pregunta se haverá coisa mais deprimente que um alcoólico embriagado, caminhando cambaleante, enquanto o rapaz, o disíbrito e ri da triste figura que se fêz? Se esse homem pudesse ver depois isto, certamente não embriagaria mais.

Mas infelizmente não é isso; aquela que se embriaga é um verdadeiro flagelo da sua mulher e dos seus filhos, pois que deixa o seu dinheiro na taberna e faz passar momentos horríveis aos seus.

E ainda copulando com aquela a quem se afeita, o alcoólico comete o grande e incommensurável crime de atrair para a Sociedade verdadeiros abertos: microcéfalos, macrócefalos, aleijados, idiotas, etc., individuos que não trabalham, que não podem produzir.

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazer-lá, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois, à publicação desta carta recuso-me a fazê-la, não porque

ela contenha matéria subversiva, mas sim porque naquele meredo de consciência há muito que já não existe lealdade, se é que alguma vez patrou sobre o Coloso nessa localidade.

Isto para definir atitudes; porque aí me é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou quel'outro cargo público ou político!

Rubscro-me com consideração, De v. etc. — Americo da Silva Santos.

Pois,

Serviço de livraria

DE
A BATALHA

Calçado

Procurem como quiserem: na
Sapataria do Calhariz
ende-se tudo isso muito mais barato.

Há alguém que venda botas
de superior calf preto ou
de cér. a. 20\$00
Botas da moda com 2 solas
corridas, salto raso, a. 31\$00
Botas de calf preto com 2
ponteados, resistente a to-
do o tempo a. 31\$00
Sapatos de superior calf
preto para senhora, a. 11\$00
Sapatos de verniz desde
16\$00
Etc., etc., etc.?

Há, mas só na
Sapataria do Calhariz
Verifiquem que não perdem com isso.

33, Largo do Calhariz, 33

Nicolau Gomes Correa
ALFAIADE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para
homem e senhora, comprados di-
rectamente nas
fábricas, o que
lhe permite vender
mais barato.
Grande varie-
dade de sobre-
tudos e capas à
alemãeana. Ca-
sacos para senho-
ra já confeccio-
nados.

— AVIAMENTOS —
PARA ALFAIADES

Rua dos Fanqueiros, 255

Queréis o vosso
relógio con-
cordado com garantia e por
preço modico?
Levá-lo a

33 de S.º André
actualmente
Largo Rodrigues de Freitas, 33
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO
E OURIVES
DE
ALVES D'ANDRADE, L. da

Nouela Vermelha

Publicação literária mensal

COLABORADORES:
Manuel Ribeiro; Mário Domingues; Aquilino Ribeiro; Nogueira de Brito; Sobral de Campos; Augusto Machado; Perfeito de Carvalho; Cristiano Lima; Bento Faria; José Bento; Gonçalves Correia; Julião Quintinha, e outros

Publicado:

N.º 1 — A Expição — por Manuel Ribeiro.
N.º 2 — Sangue Fidalgo — por No-
gueira de Brito.
N.º 3 — Hugo, o pintor — por Mário Domingues.
N.º 4 — Dois tiros — por Sobral de Campos.
N.º 5 — Impossível redenção — por Augusto Machado.
N.º 6 — A Escola de Nun'Alvares — por Cristiano Lima.
N.º 7 — Anastácio José — por Mário Domingues.
N.º 8 — A Scânia Redentora — por José Bento.
N.º 9 — O mestre geral — por Jesus Peixoto.
N.º 10 — Dor Vitoriosa — por Julião Quintinha.

Preço por número \$2.50

Assinatura, série de 10 nú-
meros \$250 pagamento adiantado.

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e
livrarias. Porto: redação de
A Comuna. Coimbra: Livra-
ria Lumen, Tabacaria Pátria, e
em casa de Manuel Bernardo Ferreira, terreiro da Erva. Nou-
tras localidades nos agentes de
A Batalha.

TRABALHADORES, LÉDE
A NOVELA VERMELHA

FORMIOL
TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de ex-
to notável na cura da
fraqueza geral, fra-
queza cerebral, avi-
lamento e memória e evi-
tando neurastenia.
Os seus efeitos são absol-
tamente garantidos no trata-
mento da anemia, tu-
berculose, fraqueza
geral, doenças da
côr, doenças de
afecções nervosas, su-
ores nocturnos, prostra-
ção física, menstruações
irregulars, perdas sêmen-
ticas, perda de peso, efei-
to muscular, afeções
ossosas, digestões labo-
riosas e fraqueza senil.
Tonico por excelê-
ncia no tratamento
da sistema nervoso
funcional, aumentando
as forças e evitando a



que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com óptimos resultados. Não tem
seus efeitos. A venda em todas as boas farmácias e drogarias. Preço: 5 escudos. Correio,
azetar, Rua 31, Queluz, R. da Praia, 16; Poco das Flores, Rua da Praia, 16; Farmácia
Bastos, R. da Misericórdia, 121; Betubal: Farmácia Oliveira, Rua da Misericórdia, 14; Braga: Instituto Galenico, Praça do Conde d'Argolong, 25 — Evora: Par-
APRICA OCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Calheiros, —
Loanda: Serra, Annes & Irmão, Benguela: Farmácia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano
57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

A Crise do Socialismo

Brochura de grande
actualidade
por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já à venda nas li-
vrarias, tabacarias e quiosques.
PREÇO \$40

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

Histoire des Bourses du Travail

Origine — Institutions — Avenir
Preço 7 francos — Sete escudos. — A
venda na Administração de A Batalha.

Antigo contabilista, conhecendo bem as principais lin-
guas, actualmente disponível

Dirigir a Machado, administração do diário A Batalha

Obras de literatura, ciência e ensino

(A venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima — Educação e ensino 1800
Alfredo Braga — A vida e o corpo 2800
Alfredo Neves Dias — (poli-
mico social) 1000
Benedetti — Arte de estudar 1800
Benzuoli — Crítica e vida 800
Bresser — Vida social 2800
Caleido — Obras 1000
Através da História 600
Movimentos revolucionários 600
A revolução francesa 600
Clemente Jacquinot — História Uni-
versal (2 vol.) 4800

Colson: Organismo económico e desordem
social 2800

Danteo: A ciência e a vida 2800
Dastre — A vida e a morte 2800
Denoy — Descendemos do macaco? 600

Deshumbert: Jesus de Nazaré — A morte da Na-
tureza 600

Ernesto da Silva — Teatro livre e
Arte social 600

Faguet: Iniciação filosófica 2800
Iniciação literária 500
Arte de ler 1800
Horror das responsabilidades 1800

Faria de Vasconcelos — Problemas
escolares 3000

Flamarion: Iniciação astronómica 2800
Astronomia popular 600
Curiosidades astronómicas 600
Contos de fábr 1800

Gorki: Os degenerados 1800
Os vagabundos 1800
Scènes de famille (teatro) 1800

Ibsen — Os espetros (teatro) 1800
Jalme Cortesão — Adão e Eva (te-
atro) 1800

2800

3000

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800

4800